



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com representações estaduais e dirigentes nacionais do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)

Palácio do Planalto, 26 de outubro de 2010

Eu acredito, companheiros, que nós estamos hoje cumprindo mais uma parte do nosso ritual de restabelecer os direitos dos setores organizados da sociedade brasileira.

Eu quero começar dando os parabéns ao companheiro Dulci que, nesses oito anos de mandato, ele tem sido o interlocutor, que recebe as reivindicações dos Sem-Terra, que recebe as reivindicações da Contag, que recebe as reivindicações da Fetraf, que recebe as reivindicações da CUT, da Força Sindical, dos aposentados, e, com um pacote de reivindicações, ele organiza e distribui, entre os ministros, e a gente vai, então, estabelecendo as conversações, até que a gente encontra uma resposta como essa, que ele entregou para vocês. Isso tem sido uma prática feita durante oito anos, e eu acho que o resultado pode ainda não ser o perfeito, mas é o melhor resultado que nós alcançamos até agora, com todos os segmentos da sociedade.

E, quando eu fiz a reunião com vocês, em janeiro ou fevereiro, eu disse que faltava o pagamento de uma dívida com o MAB, que era restabelecer as condições para que os companheiros tivessem ressarcidos prejuízos do passado de que, em muitos lugares, o governo, na época, não atendia e, muito menos, as empresas privadas atenderam, não tinha regras bastante definidas e que era preciso definir as regras, até porque o nosso setor elétrico tinha sido desmontado também. Nós estamos, nesse momento, fazendo com que as empresas públicas brasileiras possam participar de licitações, coisa que a gente não podia nem participar de licitação, ou seja, você fazia licitação apenas para as empresas privadas, a Eletrobrás não poderia entrar.



Nós tomamos a decisão de transformar a Eletrobrás em uma empresa importante, que até um dia disse que gostaria que ela se transformasse na Petrobras do setor energético, para que a gente pudesse ter alguém no Brasil com quem a gente conversar, na discussão do setor elétrico. Isso, aos poucos, está sendo feito. Foi graças a isso que a gente pôde estabelecer uma boa negociação com o governo do Paraguai, para reparar algumas coisas que, na nossa opinião, estavam equivocadas. E nós tomamos a iniciativa de tentar fazer esse processo de reparação e discutir, de forma mais adequada, a questão das novas hidrelétricas que vão ser construídas no Brasil. Se nós tivermos o cuidado de não permitirmos as hidrelétricas começarem e terminarem, para a gente discutir aquilo que é o direito das pessoas que tinham uma área, e a gente começar a discutir ainda antes do processo de licitação as condições, ou seja, quando o processo estiver licitado, as regras já estarão definidas, cada um saberá o que é seu, o pescador saberá o que vai acontecer com ele, o índio vai saber o que vai acontecer com ele, o quilombola vai querer saber, o pequeno produtor vai saber, o pequeno empresário, o médio empresário, ou seja, quem estiver envolvido na área, com antecedência, vai ter as condições de saber qual é a situação que vai ficar plenamente acordada com o comitê interministerial, dos quais participam segmentos da sociedade organizada.

Bom, isso é tudo? Possivelmente a gente, no processo de organização, a gente ainda descubra que tenha mais coisas para fazer e que outras demandas vão se apresentar. Eu não acredito que haja hipótese - qualquer que seja o segmento social - que um dia não exista mais o que reivindicar. Eu não acredito porque é da natureza humana, cada vez que a gente conquista uma coisa, a gente aprende que era possível conquistar outra, e cada vez que a gente vai conquistando, a gente vai alargando o espaço de conquistas da gente. E essas lutas terminam sendo praticamente infinitas, elas não terminam nunca, e é bom que não terminem nunca, porque assim você vai consolidando



o processo democrático do país.

Então eu queria, primeiro, dar os parabéns ao Dulci, pelo trabalho realizado. Segundo, dar parabéns a vocês pela dedicação, pela compreensão e pelo esforço de trabalharem na produção desse decreto que pode agora ter um novo balizamento, para evitar os conflitos, não porque seja importante evitar os conflitos por evitar os conflitos, mas evitar os conflitos encontrando a solução com antecedência para as pessoas.

Também ao Ministro de Minas e Energia, ou seja, aqui eu estou vendo o companheiro da Eletrosul, estou vendo companheiros que, há pouco tempo, eram companheiros que estavam lutando para que as coisas acontecessem e, de repente, viraram diretores das empresas, viraram ministros, viraram diretor do Incra, e assim a gente vai conseguindo os avanços.

Eu, quando terminar o meu mandato agora, no dia 31 de dezembro, certamente quando parar para fazer um balanço, nós vamos perceber a quantidade de coisas que foram feitas e vamos perceber também a quantidade de coisas que falta fazer no Brasil.

Nós temos consciência dos avanços que nós conquistamos, mas nós temos consciência também do quanto nós ainda temos para trabalhar, até porque não é possível você recuperar, em oito anos ou em dez anos, aquilo que são desmazelos e desmandos de dezenas e dezenas... e de séculos. Entretanto, os avanços no movimento social organizado foram extraordinários, e eu queria dizer para vocês que um deles que, muitas vezes, nós não levamos em conta, nós mesmos, do governo, eu queria dar um dado para vocês: quando nós começamos... porque a hidrelétrica também não é apenas para fornecer energia para empresário, ou seja, ela também fornece energia para pessoas que antes não tinham energia.

Quando nós chegamos aqui, ao governo, nós tínhamos, aproximadamente, 13 milhões de brasileiros, alguns inclusive morando perto de barragens, que não tinham energia. O fio passava por cima da casa dele, para



levar energia a quilômetros de distância, e ele ficava ali. Ou seja, nós tomamos uma decisão, que é uma decisão extremamente importante, que é uma decisão que envolve uma bagatela de R\$ 18 bilhões e 700 milhões, dos quais R\$ 9 bilhões e 200 milhões já foram contratados, dos quais 6 bilhões e 800 são a fundo perdido, e o governo federal tem responsabilidade com 80% de todos esses investimentos para levar o programa Luz para Todos à casa das pessoas.

O que é importante é que, cada vez que a gente entra no meio do mato e vai colocar energia na casa de uma pessoa, a gente descobre que os dados do IBGE são menores do que, na verdade, a quantidade de pessoas que precisam de energia elétrica. Nós tínhamos os dados do IBGE aqui, que afirmavam que no Brasil nós tínhamos que cuidar de aproximadamente 2 bilhões de casas... Dois milhões de residências sem energia elétrica, quando nós entramos para colocar a energia elétrica, descobrimos mais 1 milhão. Ou seja, então os 2 milhões passaram a ser 3 milhões de casas.

Para vocês terem ideia do que aconteceu, nós já levamos energia elétrica à casa de 2 milhões, 526 condomínios e casas, atendendo 12 milhões de pessoas. Isso significa 1 milhão e 200 quilômetros de fio, isso significa 6 milhões de postes, significa 930 mil transformadores e significa, meu caro Zimmermann, que esses fios dariam para enrolar a terra durante... 30 vezes. Ou seja, a quantidade de fios que nós colocamos, totalmente gratuito, totalmente gratuito, e nós sabemos que para fazer um programa desses é preciso muita briga com o Tesouro, é preciso muita briga com a Fazenda, porque colocar energia elétrica na casa das pessoas mais pobres era tido, antigamente, como não rentável. Mas as pessoas se esquecem que quando chega energia na casa de um companheiro, logo em seguida vem uma geladeirazinha, logo em seguida vem uma televisãozinha, logo em seguida vem uma casa de farinha, logo em seguida vem um negócio para fazer suco. Ou seja, o dado concreto é que as pessoas terminam tendo acesso a um



progresso. Setenta e nove por cento das pessoas que recebem energia em casa compram televisão, quase 70% compram geladeira, e mais de 50% compram um aparelhinho de som, porque também ninguém é de ferro e gosta de ouvir uma musiquinha, ou seja, e também porque as pessoas gostam de uma cervejinha gelada e ninguém está a fim de ficar enterrando cerveja na terra, para ela ficar quente.

Eu acho, companheiros do MAB, acho que este dia de hoje é um dia acho que muito significativo. Não porque os problemas todos estão resolvidos, mas porque nós colocamos um paradigma. Ou seja, agora tem regras que todo mundo, desde o mais humilde trabalhador ao mais pomposo empresário que queira investir em energia elétrica, ao dono... ao Diretor da Eletrobras, ao presidente das empresas de energia elétrica, ao Ministro de Minas e Energia, todos nós, agora, estaremos enquadrados em regras que vão balizar as discussões nas quais a gente pode decidir fazer uma hidrelétrica, mas também a gente pode decidir como é que as pessoas vão viver com essa hidrelétrica.

Parabéns, companheiro Dulci. Parabéns, companheiros do MAB. E parabéns todos vocês, que um dia lutaram para que nós pudéssemos chegar ao dia de hoje. Um abraço.

(\$211 A)